

Gaiato



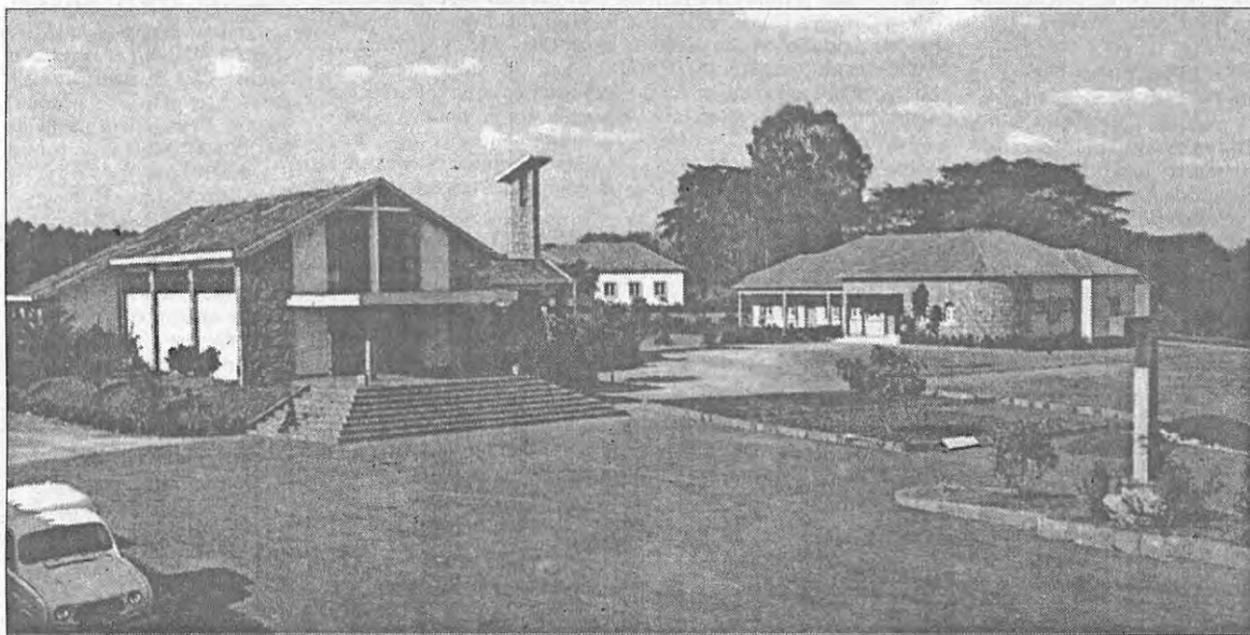
4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 18 de Março de 1995 • Ano LII - N.º 1331 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Animados e cheios de esperança, retomámos, de novo, a limpeza da nossa Aldeia — que é tão linda!

Malanje dia-a-dia

31/1/95

Ontem vieram dois meninos. São irmãos. A mãe morreu na mandioca por ter accionado uma mina. A mesma cortou a perna ao pai. Este foi para Luanda e os meninos ficaram. Não souberam mais dele.

Sós!, colocaram papelão na janela dum quarto em prédio abandonado. Ali dormiam em cima dum luando e sem cobertor. De dia apanhavam grãos de milho nos locais de descarga das organizações. Apesar duma só roupa, tinham aspecto limpo e desinibido.

A noite, já senhores das suas camas e roupa, assistiram comigo ao noticiário na televisão. Hoje, logo de manhã, a preocupação de caderno e lápis para a escola! Gostei.

Porém, a dor continua, pois cada vez que mergulhamos na rua, aumenta a sensação de impotência perante casos e casos...

É ponto de vista certo da nossa Obra o não admitir avalanches ou mesmo «casos» sem ter estruturas preparadas.

Pequei e continuo perante necessidades que à Luz do Evangelho ultrapassam tudo.

2/2/95

«Demasiado batidos os problemas da guerra e o contraste entre países ricos e países pobres. Também o contra-senso entre os fabricantes de minas e estes mesmos que, a troco de dólares, vêm desminar. Enfim, este mundo cheio de contrastes monstruosos...

Mais: Imensidões por cultivar! Rios caudalosos que vão ter ao mar sem, sequer, terem regado uma planta! E os países das mil maravilhas preocupados com o aumento das populações...!

Em vez de nos oferecerem máquinas agrícolas, oferecem-nos, apaixonadamente, pilulas. E, mais grave, estes 'salvadores' maravilhosos aconselham-nos a matar os bebês... Antes, os egípcios que somente os meninos!

Recordo o estudo de um engenheiro alemão sobre as margens do rio

Lucala: 'Só elas dariam banana para toda a Europa'.

Imbecis, os mensageiros da pílula e protectores do aborto. Isto numa terra onde o não ter filhos é quase um vitupério.

Que nos interessam os aviões no ar, as discotecas 'bravias', as técnicas refinadas — se perdemos a alegria, a tranquilidade e a paz?!

Quase apetece gritar: — Deixem-nos com os nossos feiticeiros; os terreiros batidos das danças ao luar; a sombra das nossas mulemeiras onde os sobas falavam e eram ouvidos.

Os países (civilizados?) não souberam dar-nos o amor e a paz, antes deixaram sementes de violência.

Agora choramos os nossos mortos... Amanhã estará ainda bem viva a nossa angústia.»

Foi mais ou menos assim que um angolano me falou. A mim serve de reflexão... Aqui fica. Podereis reflectir também.

Padre Telmo

S. JOÃO DE DEUS

O CORRE este ano (a data do «nascimento para o Céu» e Festa litúrgica é 8 de Março) o quinto centenário de um português de condição humilde, João Cidade Duarte de seu nome, que viu a luz em Montemor-o-Novo num dia de 1495.

Depõe uma testemunha no processo da sua beatificação que, «estando sua mãe com as dores de parto na casa de três compartimentos medianos e humildes, dos quais um servia de cavalaria pequena, tinha chegado um pobre e chamado à porta; e entrando no aposento disse-lhe que se levantasse da cama e se deitasse na manjedoura da cavalaria e logo pariria um filho que seria pai de muitos e luz naquele reino».

Nascido num estábulo como Jesus, como Francisco de Assis, eis outros-Cristos a resplandecer sobre o mundo a Luz que Cristo é e neles brilhou com singular intensidade e devia brilhar, ao menos como luzeiro, em todos a quem o Baptismo conferiu ser também outro-Cristo.

Um marco na sua vida

Impressionante o desígnio de Deus! Este João Cidade, apagado no nascimento, anónimo no decorrer da sua vida de pastor e de soldado e de vendedor de livros, só aos quarenta e três anos percebe o olhar que Deus trazia sobre si e se decide, exclusivamente, fervorosamente, a responder-Lhe no serviço dos Pobres e Doentes.

Um sermão pregado por S. João de Ávila e escutado por este João em 20 de Janeiro de 1538 é um marco na sua vida. Para trás fica o João Cidade servidor de senhores e de interesses deste mundo; de agora em diante é o servo de Deus, por isso João de Deus, nome que adopta e é presságio do que será o resto da sua vida.

E a sua vida não vai ser longa. Doze anos lhe restaram... e bastaram para deixar a Obra que hoje contemplamos e celebramos. Obra começada do nada, sem prestígio, sem planos, sem recursos previamente assegurados. Um «Louco de Deus» este João!, a

Continua na página 4

FESTAS

SETÚBAL

AS nossas Festas estão à porta. O argumento é, passados cinquenta e cinco anos, muito novo para quantos se dedicam aos sem-família. A crítica do Padre Américo a tantos internatos que p'raí proliferam e a outras iniciativas que não passam de cenários para iludir a opinião pública é contundente. A Casa do Gaiato é uma Casa de família.

25 de Março, às 21,30 h. — Salão de Festas da Casa do Gaiato — ALGERUZ;

1 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense — AZEITÃO;

8 de Abril — Sociedade Filarmónica Humanitária de PALMELA;

23 de Abril, às 15 h. — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA;

29 de Abril, às 21,30 h. — Sociedade de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO.

Padre Acílio

Continua na página 4



Conferência de Paço de Sousa

CONTRASTE — Naquela tarde gelada, fomos a um lugar virado a noroeste, tendo como pano de fundo o rico Vale do Sousa.

Dois motivos aqui nos trouxeram: Demarcar o pequenino lote duma moradia do Património dos Pobres, motivando a mudança da respectiva utente para outra casa, em idênticas condições materiais, e resolveríamos, numa só vez, o problema doutras famílias carentes de habitação.

Cumprimos a primeira parte: os descendentes da família que outrora doou o terreno, confirmam a generosidade de há quarenta anos; e estão dispostos a dar curso à legalização desse património dos Pobres. Para nós outros, que presenciámos e vivemos a ânsia incontida de Pai Américo à procura de pequeninas áreas onde pudesse levantar casas para os sem-casa, esse facto calou fundo em nossa alma.

Já o mesmo não diríamos daquela utente, qual *doente* que não aceita a opção da comunidade! Contraste que vale a pena citar, para se dar a conhecer mais uma das actuais formas de pobreza...

PARTILHA — Setúbal, 3.000\$00 da «*Avó dos cinco netinhos*», «*pequena contribuição para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Deus me ajude a ter esta alegria por muito tempo, pois já tenho 70 Invernos*». Assim seja.

Mais cinco mil, da assinante 1121, de Vila Nova de Gaia, «*pequena gota, mas espero voltar mais vezes*».

Turcifal, assinante 23755 com um vale de correio de dez mil escudos para «*os Pobres. Só agora o posso fazer e tenho pena de não poder mandar mais. Seja por intenção de meu marido e irmãs*».

A habitual mensalidade do casal-assinante 11902, do Fundão. Trinta mil, da assinante 25637, de Vila Nova de Gaia. Resto de contas d'O GAIATO, pela mão da assinante 13440, do Porto. Dez mil, em cheque, do assinante 32763, de Mortágua. Assinante 57002, da Senhora da Hora: «*Uma pequena ajuda (quinze mil escudos) que distribuirão como melhor entenderem*».

Mais oito mil, da assinante 14493, do Porto, «*contribuição referente ao mês de Fevereiro e Deus me ajude a caminhar nesta saudade*». Ajuda, sim senhor! Mais anuidades d'O GAIATO em ordem, pela assinante 7745 de Vila Nova de Gaia, e o que «*sobrar é para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*».

A assinante 31104, de Lisboa, fecha a *procissão*: «*Com a mesma devoção de sempre, envio um cheque. Continuo na convicção sincera de que a melhor oração é a de quem precisa. É consolador ir ao encontro das necessidades dos Outros e partilhar na medida que nos for possível*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

CARNAVAL — Como todos os anos, trabalhamos de manhã e à tarde não. É sempre a mesma coisa! Muito divertimento. Foi fixe...

VISITAS — Tivemos muitas no Carnaval, que vieram partilhar a sua alegria conosco!

Recebemos, também, há dias, uma excursão de jovens de Braga. E, no domingo, uma de Lamego.

TEMPO — Depois de muito chover, agora chegou o sol. Tudo se torna mais belo e atraente na nossa Aldeia. Mas começou a chover outra vez!

FAMÍLIA — A nossa, ultimamente, cresceu com a vinda de muitas caras bonitas, de quase todo o País.

Há alguns meses atrás, dois rapazes foram embora. Consta-se que os familiares já os tinham assediado para uma eventual partida em qualquer altura. E agora?, alguém sabe o que eles fazem? Qual será o seu futuro? Só esperamos que nada de grave lhes aconteça.

Para colmatar um pouco essa tristeza, veio o José, de Setúbal, com treze anos. É um rapaz esperto e mostra querer mudar de vida. Esquecer o passado e viver o presente. Já que não teve uma família digna.

«BÓLIDOS» — São uns autênticos carros de F 1. É nada mais do que uma tábua com quatro rolamentos. Faça chuva ou sol, os miúdos aderem sempre aos seus carros e vão pela avenida abaixo. Alguns, até passam o portão...! Já para não falar nos *acidentes* internos. É preciso ter muito cuidado naquilo com que se brinca...!

SERVIÇO CÍVICO — Veio para cá um jovem, o Jorge, cumprir o serviço cívico. Cumprirá o mesmo tempo do serviço militar. Tem participado em quase todas as obrigações da nossa Casa. É mais um dom de Deus...!

MOÇAMBIQUE — Depois da ida do Rui, agora foi a vez do «Lourinho» (*Texas Bill*). Quem não se lembra dele? Claro, todos! Foi um grande chefe-maioral e muito exemplar nas funções que exerceu — enquanto cá esteve.

Já tinha ido embora de nossa Casa. Estava razoavelmente bem na vida. Tinha uma pequena empresa de carpintaria. A partida, para Moçambique, foi decisiva sua. Neste momento está ao lado do Padre

José Maria e da comunidade moçambicana. Boa sorte!

DESPORTO — No dia 12 de Fevereiro defrontámos os Amigos do Café Alfa (Porto). Jogo muito emotivo, do primeiro ao último minuto. Resultado final: 2-2.

Em 18 de Fevereiro defrontámos os Amigos do Café Cláudia (Porto). Um encontro interessante porque os golos tardaram a chegar. As equipas jogaram com virilidade. Ganhamos por 6-0.

Também no dia 26 do passado mês, defrontámos o F. C. de Bairros (Paço de Sousa). Ganhamos por 5-1.

Fomos convidados a entrar num torneio de futebol de 11, aqui em Paço de Sousa, com a satisfação de toda a malta. Veio quebrar o enguiço. Já há muito tempo que não participávamos num torneio de futebol sénior. Agora, vamos ter a oportunidade de mostrar o nosso valor futebolístico. O mesmo teve início no dia 5 de Março e tivemos como adversário o Barreiro, de Cête. Resultado final: 2-2.

DESABAFO — A nossa Comunidade não tem andado lá muito bem. Há irresponsabilidade da parte dos chefes. Ninguém quer assumir nada! Isto traz muita desordem: na Capela, no refeitório, na escola, nos trabalhos, etc.

Os tempos mudaram, mas a vida continua!...

Repórter X

MALANJE

DESPORTO — Meus queridos irmãos de Paço de Sousa: peço o favor de nos enviarem um equipamento e chuteiras, porque a nossa equipa atravessa algumas dificuldades.

AULAS — Dos rapazes que andaram no I e II níveis, apenas dois ficaram mal. Os restantes passaram de classe. Esperamos, para breve, o início do novo ano lectivo.

Em nossa Casa, as aulas começaram apenas para os do ensino primário.

FRUTA — O pomar de mangas está bem desenvolvido. Apanhámos uma parte para fazer doce e também as goiabas estão floridas.

AGRICULTURA — O campo de ginguba e milho dá muito trabalho aos mais novos, os nossos «Batatinhas», que têm menos tempo para as suas brincadeiras.

ANIMAIS — Estão a ter

crias. A pata chocou onze patinhos. O Quim, que trata deles, retirou-os à mãe para se desenvolverem melhor.

Deram-nos três coelhos: duas fêmeas e um macho. Reproduziram e temos agora vinte e cinco, dos quais gostamos bastante e esperamos continuem a criar cada vez mais.

Um porco morreu por doença e o nosso Padre Telmo tentou a todo custo salvá-lo, mas foi impossível.

A nossa cadela teve seis cachorrinhos.

«Nelo»

TOJAL

OBRAS — O pedreiro, o calceteiro e os ajudantes continuam em bom ritmo. A rua central está praticamente calçada, só faltam as ruelas que ligam à rua central.

Continuamos com as obras ao lado do pavilhão, onde tudo corre também da melhor maneira.

Segundo o nosso Padre Cristóvão, a casa-mãe será reparada no próximo Verão. Precisa duma pintura e de outros arranjos. Sendo ela muito importante, tem de ficar bem, pois estão lá os «Batatinhas», o refeitório, a enfermaria, o consultório, a cozinha, zonas da lavagem da loiça e, também, as senhoras que respondem às necessidades dos mais pequenos.

JARDINS — Estão mais belos do que nunca! Sinal de que são bem tratados e de que a Primavera não tardará a chegar. Nos canteiros, flores multicores e muita beleza. Temos cuidado com elas. Uma casa sem flores é uma casa sem vida, um mundo às escuras!

ESCOLA — Alguns estudantes estavam *chateados* com as notas dos primeiros testes. Só restam uma ou duas oportunidades para passarem este período em segurança. Deus queira que as aproveitem ao máximo e continuem o seu caminho em paz.

CARNAVAL — Passámo-lo com muita alegria, pois já há um ano que esperávamos que acontecesse. Grupos de rapazes preparados para enfrentarem outros grupos. À hora das refeições muitos apareceram molhados, mas correu tudo bem, assim como as férias. Aliás, muito preciosas. Os estudantes foram ocupados em diversos trabalhos.

VISITANTES — De vez em quando, nos fins-de-semana, recebemos grupos de pessoas amigas. É quando mais gostamos, pois nos dias úteis encontramos-nos na Escola.

OFERTAS — Continuamos a receber dádivas que mantêm esta Casa de pé: roupas, alimentos e outros donativos. Esperemos que continuem sempre assim, pois os nossos Amigos querem que nos façamos homens e construamos, um dia, a nossa família.

FUTEBOL — Quase todos os fins-de-semana disputamos um jogo de futebol. As vezes, para os médios; outras, para os mais velhos. É muito bonito olhar para o campo e ver jogadores atrás da bola e muitos a chutá-la para um único ponto — a baliza.

Joaquim Miguel F. Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Porquê só lembrarmos os mais necessitados no Natal? Será que eles só têm direito a comer uma ou duas vezes por ano, enquanto alguns vão parar aos hospitais por terem comido demais? Será que eles só têm direito a mudar de roupa uma vez por ano, enquanto outros deitam montes dela no lixo? Será que nem sequer têm direito a um tecto que os cubra, enquanto outros se regalavam com uma casa no campo, para os momentos de lazer; outros, na praia, para os seus banhos?

Não somos todos Povo de Deus? Ou será que o Povo de Deus é só aquele que sofre, o que é pobre, profundamente humilde; o imenso rebanho que vive na solidão, a multidão dos corações tristes em busca do Paraíso?

Ninguém entra amanhã no Paraíso, nem depois de dez anos; mas, sim, hoje, quando se reparte o nosso pão pelos que não têm; quando se reparte um tecto com os sem-casa; quando se cobrem de roupa quente, aqueles que morrem de frio.

Temos que estar cientes que ao atirarmos sacos de pão para o lixo, ao queimarmos montes de roupa, ao gastarmos o que temos de mais em coisas supérfluas, estamos a prejudicar o Pobre, a espezinhar o Coração de Jesus. Esse Jesus que o nosso Deus fez nascer pobre e morrer na miséria, para assim nos dizer que, para sermos felizes, só precisamos do pão de cada dia, como Ele afirma na oração que nos ensinou.

Este ano não fizemos a festinha para os Pobres. Mas, graças a Deus, não faltou o suficiente para levarmos: bacalhauzinho e respectivo azeite, bolo-rei e brinquedos para os mais pequeninos. Enfim, o necessário para ficarem satisfeitos; e nós com as reservas outra vez por baixo. Na última reunião o tesoureiro ralhou

porque gastámos mais 300 contos (do que o recebido) durante 1994. É uma satisfação muito grande, vermos a alegria deles com o bolo-rei na mão, as crianças com os brinquedos. Confiamos no Todo Poderoso. Vamos continuar a trabalhar para que aos Pobres não falte o essencial, que é o pão de cada dia.

RECEBEMOS — Temos presente as considerações de M.C. Rodrigues que envia 5.000\$00 e diz que a tuberculose, agora, é uma doença curável. Nós sabemos que sim. Mas num ambiente onde outras doenças existem, quando numa família o braço que ganha o pão sofre, o caso é realmente muito sério. J.R.D., 2.000\$00. Da amiguinha M.M., vale de 10.000\$00. Que nos perdoe, às vezes, não dizermos nada. Obrigado pela sua preocupação. Bernardete, vale de 20.000\$00. Mais um cheque, de 2.500\$00, da Rua da Boavista. Sim senhor, no Espelho da Moda pode deixar o que quiser. Mais um vale de 5.000\$00, de Maria. Vale de 10.000\$00, doutra Maria. Os nossos Amigos da Conferência de S. Cosme e S. Damião, de Gondomar, com cheque de 5.000\$00, Partilha-Natal 94. O Senhor Deus vos cubra de bênçãos para continuarem o vosso trabalho de amor aos irmãos necessitados.

A todos um muito obrigado e Pai Américo, lá no Céu, interceda por vós junto de Deus nosso Pai.

Olga e Valdemar

* * *

O casal Maria do Céu e Zé, e os três filhos — Margarida, Elvira e Luís — mencionados numa das últimas crónicas, tinham necessidade de uma máquina de lavar roupa. Graças a Deus, o nosso apoio foi atendido por uma estimada leitora que, generosamente, telefonou, comunicando que tinha comprado uma, mais moderna, estando disposta a oferecer a que dispunha até então.

Este casal atravessa uma fase bastante difícil. Necessitam da nossa ajuda para gerir a vida quotidiana; ajuda que, dentro das nossas possibilidades, temos dado mas, como devem calcular, fica aquém das necessidades que se nos deparam. É de facto frustrante quando, para além do apoio moral e espiritual, pretendemos contribuir com auxílio financeiro para o sustento de tantas famílias pobres, verificamos que nem sempre é possível.

Foi detectado, pela professora da Margarida, que a moça necessitava de óculos. Levaram a efeito uma colecta na escola. O montante angariado não era suficiente e a professora, generosamente, concedeu o restante, tomando possível a compra dos óculos.

Felizmente ainda existem pessoas que se mostram sensíveis a este tipo de problemas e, de uma forma fraternal e desinteressada, tomam iniciativas dignas de serem realçadas, servindo de exemplo para todos nós.

Sempre que sobeje alguma «migalha», não esqueçam que existem muitos irmãos que precisam dela. Deus vos ajude para poderem ajudar os mais carenciados.

Conferência de S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

ENCONTROS EM MAPUTO

ESTOU a tentar aprender com a realidade que me cerca. Em parte, creio ter percebido algumas das razões por que tanta gente se deixa levar por um certo sonho africano. Quem sai da Europa não pode deixar de se encantar com a vastidão destas terras prenhes de esperança. Estava mais interessado em sentir e viver a vida do povo. Aí encontrei pobreza e sofrimento.

Tentar aprender com a realidade

Fui visitar a aldeia onde se situa a Casa do Gaiato: Massaca I. Depois alarguei os horizontes pelas aldeias de Mailande e Changalande. Quem passa nas estradas não se apercebe da multidão de gente que aí habita. Em cada uma das aldeias cerca de dez mil pessoas a viver em palhotas escondidas atrás de sebes de arbustos ou milho seco que não chegou a dar espiga. Sempre grupos de homens, mulheres e crianças sentados ou deitados à volta das palhotas ou à sombra das árvores que por acaso ali cresceram. Choca-nos a falta de iniciativa humana que se limita quase a esperar que a natureza tudo faça. As terras em volta são férteis, mas faz falta a água. Nem um poço aberto pela criatividade humana. Poderíamos resumir a situação da seguinte maneira e não quero ofender ninguém com isto: homens e mulheres sentados ou deitados à espera que as nuvens que passam deixem cair alguma água. Se chove, levantam-se lentamente, semeiam milho e esperam. Se volta a chuva terão milho. Se não volta, o milho seca sem ter ainda espiga e é a fome, como acontece este ano em que não vi espiga de milho em toda a redondeza. Para de alguma maneira

obviar à fome existe o recurso à apanha de lenha seca que é transformada em carvão e vendido em Maputo. Dizia-me o responsável por uma micro-empresa de carpintaria: «Não tem encomenda. Chuva não veio e lenha já está muito longe na montanha. Povo tem fome e não tem dinheiro para comprar».

Tudo escasseia!

Tanta criança nestas aldeias! Ventres inchados de fome e lombriga. Vestes esfarapadas e sujas. Tanta doença onde tudo escasseia em termos de remédios. Escolas superlotadas com turmas que ultrapassam as cinquenta crianças e onde faltam livros e o mais elementar material escolar. Uma escola onde existia apenas um quadro, os meninos e meninas sentados em troncos de eucalipto que nem sequer tinham sido aparelhados, mas se encontravam em estado bruto com os seus ramos. As crianças estavam muito quietas. Fiquei quase com a certeza que era a fome que as tornava assim imóveis.

No meio disto tudo a Casa do Gaiato em construção. As instalações improvisadas já têm 100 rapazes. É uma gota de água num oceano onde quase cada rua da cidade daria para encher uma nova casa. Faz doer tanto menino de rua. Que futuro, que vida?!

Projecto inserido no coração destas aldeias

No entanto, se já é importante o acolhimento, a higiene, a alimentação, a escola e a aprendizagem do trabalho para estes meninos que conosco vivem, a Casa do Gaiato movimenta um projecto grandioso

inserido no coração destas aldeias. Em primeiro lugar as micro-empresas: lugares muito pequenos de carpintaria, serralharia, blocos de cimento, sapataria, costura, padaria... Parece que ninguém sabe nada de nada e é preciso começar a partir do zero. Já muita gente aprendeu aqui e pode oferecer os seus préstimos noutro lado. Maravilhei-me com a laboriosa feitura de um chocalho numa dessas micro-empresas de serralharia. No final o resultado foi quase um fiasco, mas creio que será preciso passar por aqui. Algumas delas já são praticamente autónomas.

Um segundo aspecto está relacionado com a construção da própria Casa do Gaiato. Seria mais fácil ir buscar longe ou mesmo importar pessoal do estrangeiro para realizar a construção. Foi opção dar prioridade às pessoas da aldeia. Já ali se fizeram alguns pedreiros, carpinteiros, armadores de ferro. Riquezas que são promessas de um futuro com a cabeça erguida.

Terceiro aspecto que diz respeito à melhoria de habitação. Passagem da palhota à pequena casa de bloco de cimento com chapa de zinco como cobertura. Duas ou três divisões. Pequena varanda. Criação de uma latrina ao fundo do quintal. Com uma visão europeia acharíamos pouco. Estas pequenas casas disseminadas entre as palhotas são um passo de gigante onde se vai ganhando o gosto pela higiene, pelo arrumo dos pequenos pertences, pela intimidade. Já muitas foram construídas e o projecto continua.

Promoção humana

Finalmente nomeio mais um aspecto e muitos outros ficam escondidos. Ao lado

das escolas, a Casa do Gaiato ergueu pequenas escolinhas onde todos os dias em cada uma das povoações mais de duzentas crianças entre os três e os seis anos vão passar o dia acompanhadas por uma ou duas monitoras da própria aldeia e onde têm direito a tomar uma refeição de leite e outra de sopa enriquecida. Também são vistas pelo enfermeiro local e pensa-se, muito em breve, instalar chuveiros a fim de dar um banho diário às crianças. Neste contexto também os meninos e meninas das escolas primárias não são esquecidos nem mesmo as pessoas da terceira idade que têm, pelo menos, uma refeição. Para todo este trabalho são as próprias pessoas da aldeia que, ajudadas, fazem funcionar o projecto. Creio que se chama a isto promoção humana.

Neste momento, Moçambique vive um rico momento convergindo para aí muito dinheiro vindo de muitos lados. Há muitos projectos. Senti algumas vezes que muita gente vai beneficiar — excepto os moçambicanos. Com efeito, tudo é feito para o Povo, mas o Povo não participa. Recebe de mão estendida. O dinheiro que lá chega sai outra vez: é a tecnologia totalmente importada, são os técnicos vindos de outros países, é muitas vezes a própria mão de obra importada. O Povo não cresceu, quer aprendendo, quer produzindo, quer mesmo respeitando.

Uma última nota: Dói-nos o «descangalhamento» geral da máquina produtiva. Se para a reconstrução se utilizasse o mesmo engenho, teríamos razões para a esperança. Deus abençoe Moçambique.

Padre Manuel Cristóvão

Património dos Pobres

Sinal de esperança

O correio trouxe uma carta dizendo:

«O Grupo Sócio-Caritativo desta terra, atento às carências de seus habitantes, detectou a necessidade urgente de construir uma casa para mãe separada e quatro filhos que não recebem qualquer ajuda do pai, estando dependentes da caridade pública que os tem auxiliado no mínimo indispensável.

Vivem numa barraca sem quaisquer condições, onde chove, não tendo luz nem quarto de banho. A mãe é uma doente que não pode trabalhar, tendo estado várias vezes internada em virtude de ter sido operada à coluna vertebral.

Vimos pedir colaboração, caso seja possível, para assim podermos acudir e resolver esta situação que é premente.»

Porque é numa povoação que tem fama de todos viverem bem e porque estas coisas devem passar sempre

pelos Párocos, mesmo que eles não se interessem muito, escrevi e ele respondeu:

«A carta que o Grupo enviou a pedir ajuda para a construção de uma casa para a família pobre é do meu conhecimento. Como sabe, nesta povoação quase toda a gente tem muito mais do que o suficiente para viver. Eu tentei pedir auxílio aos de fora e a paróquia lavou as mãos sem partilhar. É à paróquia, em primeiro lugar, que compete resolver a situação. Não era Padre Américo que dizia 'Cada freguesia cuida dos seus Pobres'? Está combinado que será de porta em porta, pedir para esta construção.

Estou a acompanhar de perto o processo, tentando tirar dele o maior proveito possível para acordar aquelas consciências um pouco adormecidas aos problemas dos Outros.»

Este Pároco é pastor. A obra vai. O Grupo tem alma!

Outro sinal de esperança

Numa aldeia serrana encontramos uma família a viver miseravelmente. Num barracão fazem da cozinha um amontoado de coisas. Noutro, guardam as coisas e um monte de batatas. E, noutro, dormem em condições que não conseguimos descrever.

Ele é conhecido por pastor. Ela dá pouca conta da vida. Os dois filhos são deficientes.

Vimos angustiados e expusemos a nossa angústia ao Pároco da freguesia. Devemos ter presente o conselho que já há muito nos deu um dos nossos Bispos, ele Bispo já há quarenta anos: — Vós, padres da rua, procurai revelar os Pobres à Igreja e à Sociedade, pois nós, os mais responsáveis, fechamo-nos nos nossos cartórios.

Eis a resposta do Pároco: «Acuso e agradeço a sua carta. Confesso que não conhecia a situação. Tenho a dizer que tomei o problema em mãos. Já reflectimos no Grupo Sócio-Caritativo. Já entreguei o caso à Assistente Social. A par disso iremos à Junta de Freguesia e começaremos a partilha da comunidade. Depois direi alguma coisa.

Conto com Deus e procurarei que Ele conte comigo. Um abraço.»

Animou-me esta carta. Pai Américo dizia que estas coisas se fazem no altar. Temos Padre e temos Grupo. A obra tem de ir.

Padre Horácio

POBRES

Vão abraçando a morte que a vida lhes traz

FOI do Pároco daquela freguesia na periferia da cidade que veio o pedido: uma mulher de meia idade, com a coluna deformada, tendo por marido homem da mesma idade, com várias doenças, algumas contraídas no serviço militar em África, e filha pequena, sem meios suficientes de subsistência. Casa alugada para a qual vai quase toda a pensão que recebem.

Antes de casarem, cada um tinha a sua pensão; depois passaram a ter só a dele. Aumentaram as despesas e diminuíram as receitas. Mas casaram! Pela lógica da mentalidade que hoje prevalece, dever-se-iam ter juntado somente! Eles preferiram usar outra, seguindo pelo caminho estreito.

Fui conhecê-los, acompanhado de três dos nossos. Ela, com a filha junto de si, estava a lavar roupa, ajudada pelas vizinhas. As condições físicas são insuficientes para estes e outros trabalhos, mas os vizinhos dizem presente. Deitam a mão onde é preciso. O marido, de cama, na terceira divisão da casa. O combatente do ex-ultramar combatendo outros combates, de cabeça erguida...

Gente pobre, sofredora, carregando a sua cruz e a de outros que a renegam. Predilectos do Senhor! Desconhecidos, sem monumentos nem medalhas, mas coroados na realidade d'O crucificado.

Os rapazes viram e eu também. Sentimos como é pouco o que nos é pedido na nossa vida. E este pedido que o Pároco nos enviou tornou-se uma dádiva.

Ai se o mundo fosse conhecer, com o coração, os gemidos de quem sofre assim! Receberia! E quanto mais desse, mais leve ficaria e subiria a pontos altos de onde não mais quereria sair a não ser para continuar a subir. Mas não! Importa antes manter as distâncias, não entrar na compaixão, pés bem assentes que se irão enterrando até ao último suspiro. Caminho de morte!

Os Pobres que eu vi, vão abraçando a morte que a vida lhes traz, e chamam-na de irmã sem o saber. Por isso desprendem-se do medo de morrer e ficam livres para viver.

Estaremos presentes nas suas vidas, todos os dias...

Padre Júlio

FESTAS

Continuação da página 1

LISBOA

TODA a nossa Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal, já anda há muito em ambiente de Festas. Os mais responsáveis tomaram à sua conta o programa e os ensaios. Cada um com seu grupo.

Depois do jantar são os ensaios. Eles cantam; eles dançam; eles recitam; eles riem; eles estão sérios; eles fazem todos os jeitos. As Festas estão a ficar ensaiadas. Agora, é só rodar.

23 de Abril, às 15,30 h. — **FORTE DA CASA (Póvoa de Santa Iria);**

30 de Abril, às 15,30 h. — **Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus — LISBOA;**

7 de Maio, às 15,30 h. — **PENICHE;**

13 de Maio, às 15,30 h. — **LOURES;**

14 de Maio, às 15,30 h. — **Instituto de ODIVELAS;**

21 de Maio, às 15,30 h. — **RIO DE MOURO;**

28 de Maio, às 15,30 h. — **Mem Martins — ALGUEIRÃO;**

4 de Junho, às 15,30 h. — **LOURINHÁ;**

11 de Junho, às 15,30 h. — **TORRES VEDRAS.**

Padre Horácio

S. JOÃO DE DEUS

Continuação da página 1

ensinar ao mundo, «em obras e em verdade», que a loucura aos olhos dos homens torna-se sabedoria na mão de Deus. João *sonhou* o que Deus *queria* e a Obra aí está, quinhentos anos depois, tão viva, tão oportuna, tão benemérita como então. Admiráveis os desígnios de Deus!

Este homem sem ciência, sem cultura, sem poder económico nem influência social, pôs-se a caminho com o dinamismo da paixão com que Deus o incendiou — e agora quem o pára?, quem apaga este fogo que continua em seus filhos espirituais?

Ele é um desafio à investigação pelos homens de ciência

Sem ciência e sem cultura, ele é, hoje, um desafio à investigação pelos homens de ciência e uma proposta à *criatividade* dos da cultura. É belo ver como neste ponto é rico o programa da celebração do centenário! Um ano cheio de manifestações activas nas áreas da inteligência, das artes, da piedade, da acção social!

João de Deus é Santo — é justo que os cristãos o venerem. É português de nascimento e universal pela vocação e serviços prestados — como não venerá-lo, nós portugueses, com especial fervor? Há cerca de setenta anos, Deus chamou do seu apagamento um homem em quem acendeu fogueira do Seu amor aos homens e semeou paixão tão parecida com a que pôs no coração de João Cidade — que admira que os pobres seguidores daquele venerem este com especial afecto e aspirem ousadamente à sua especial intercessão?

Deus abençoe e fecunde, em número e em virtude, a Família que este Seu João fundou.

Padre Carlos

SETÚBAL

Adoptou-nos como sua família

A PÓS ter sido introduzida no estado de viuvez, por morte de seu marido, a D. Celina adoptou-nos como sua família. Vivendo na sua casa, dedicava-se a nós de alma e coração. Hábil em costura, foi durante muitos anos a nossa graciosa alfaiate, adaptando com mestria os casacos e as calças que aqui chegam, a construtora das figuras imaginárias que o Octávio inventava para as nossas Festas e a realizadora de quase todo o rico guarda-roupa que há longas épocas

vestia nos palcos os seus queridos gaiatos.

São dela uma colecção de peças de teatro e muitas figuras antigas do nosso presépio. Incansável, ao longo de toda a vida, como catequista e pedagoga da juventude na fé, realizou plenamente a sua maternidade, fisicamente estéril e afectivamente fecunda. Ultimamente acolhida num Lar de idosos, fazia desta a sua casa, dos Pobres, o seu trabalho e das nossas roupas o seu gozo de viver.

Desde antes do Natal que havia deixado o seu confortável e bem decorado lar, para viver connosco e mais próxima se poder entregar plenamente à confecção do requintado guarda-roupa das Festas deste ano. Vivia assoberbada e, apesar da idade muito avançada, nem aos domingos interrompia a amorosa tarefa.

A morte veio surpreendê-la, e a nós também, satisfazendo o seu desejo tantas vezes manifestado de não dar trabalho a ninguém e ser acompanhada pelos gaiatos ao cemitério.

Deus realizou todos os seus gostos, ultrapassando o que alguma vez havia exposto. Inspirado na sua vida e no seu amor pelos Pobres e por nós, o Octávio repentinamente compôs uma música angelical e pôs os mais pequeninos a cantá-la à volta dos seus restos mortais.

Por duas vezes celebrámos, em Acção de Graças, a Eucaristia no seu velório e os pequeninos regalarão-se connosco de sentir o coro dos Anjos a recebê-la no Céu.

Padre Acílio

Uma carta

Em favor dos Oprimidos

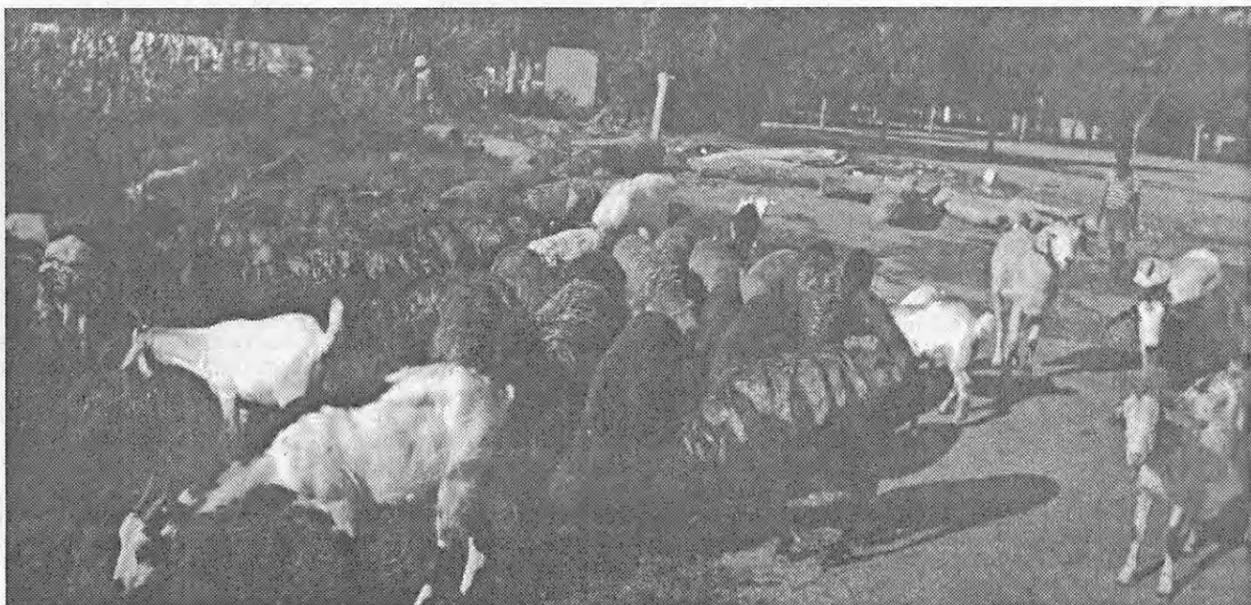
O GAIATO enche-nos de tantas manifestações de amor, solidariedade e coragem!

Ergamos hossanas pelas maravilhas que encerra a sua leitura.

Também sou vicentino e sei quanto custa minorar as carências dos Pobres que tão humildemente servimos.

Que o seu grito continue com a mesma boa vontade — em favor dos Oprimidos.

Assinante 26379



As cabras da nossa Casa do Gaiato de Benguela são para dar de comer a quem tem fome

BENGUELA

O peso humilhante do analfabetismo

ESTAMOS no coração da Quaresma. Tenho diante de mim a mensagem do Santo Padre para este tempo. O tema é o analfabetismo, a que ele chama «*terrível praga que contribui para manter imensas multidões na condição de subdesenvolvimento, com tudo o que leva consigo de miséria escandalosa*».

Experimentamos esta situação aqui e agora. Multidões de crianças e adultos

crecem e vivem em condições de extrema pobreza, mesmo de miséria, sem um bocadinho de luz que as ajude a sair do túnel escuro em que se encontram. Se a fome de alimentos é deprimente e má conselheira, não é menos desumana a fome de instrução.

Damos conta que o analfabetismo mata muitos esforços a favor da vida, quer das crianças quer dos adultos, na medida em que a ignorância impede o aproveitamento dos meios ao seu alcance. Assim, a juntar-se à desgraça da falta do mínimo de condições materiais, vem

a praga do analfabetismo. É verdade o que diz o Santo Padre: «... ali, onde houver analfabetismo, reinam, mais que noutra lugar, a fome, as doenças, a mortalidade infantil, bem como a humilhação, a exploração e todo o tipo de sofrimento».

Mesmo em situações anormais criadas, por exemplo, por uma guerra civil devastadora, verificamos que a massa do povo analfabeto é a mais desgraçada, a mais explorada e humilhada por aqueles que aprenderam e tiveram acesso à cultura. Estamos na presença dos verdadeiros pobres, dos que são excluídos.

É tanto mais grave e tanto mais indigna esta situação quanto sabemos que a maioria das crianças e uma boa percentagem de adultos têm fome do saber e querem ir à escola. Basta um interesse verdadeiro dos responsáveis em criarem um mínimo de condições físicas. Onde não há escola ou onde não há com que matar a fome do corpo; onde não há material escolar porque não há dinheiro para o comprar; onde falta o espírito de missão do professor ou professora; onde falta o acolhimento paternal ou maternal da criança — como pode uma criança ou adulto matar a fome de instrução?

O Santo Padre continua: «*Devemos tomar consciência de que centenas de milhões de crianças não podem ir à escola porque não há nenhuma próxima delas, ou porque a pobreza lhes impede o acesso*».

É chocante a situação de dependência total em que se encontram largas franjas da população no meio da qual vivemos. Não têm um bocadinho de iniciativa. Também nelas se faz sentir o peso humilhante do analfabetismo. «*Sabemos bem,*

continua a mensagem, *que quando as pessoas, as famílias e as comunidades têm acesso à instrução, à educação e aos diferentes níveis de formação, podem progredir melhor em todos os campos. A alfabetização permite à pessoa humana desenvolver as suas possibilidades, fazer frutificar os seus talentos.*»

Investimos os recursos na alimentação e na educação

Desde a primeira hora, a Casa do Gaiato decidiu investir a maior parte dos seus recursos na alimentação e na educação. Continua a ser tarefa prioritária, tanto para as crianças como para os adultos. «*Diante da gravidade das condições de vida de irmãos e irmãs mantidos afastados da cultura, é nosso dever manifestar-lhes toda a solidariedade. Todas as iniciativas destinadas a fornecer o acesso à leitura e à escrita, são condições primárias para contribuir ao amadurecimento da inteligência do Pobre e para que possa viver com maior autonomia. A alfabetização e a escolarização são um dever.*»

O nosso trabalho é uma gotinha de água no oceano...? Basta-nos saber que estamos no caminho certo.

Recebemos, há tempos, a notícia de que a renúncia quaresmal da diocese de Beja, por iniciativa feliz do seu Pastor, será destinada às crianças de Angola e Moçambique, através das Casas do Gaiato a trabalhar nestes países. A nossa gratidão, desde já, à Igreja que está em Beja. Da nossa parte comprometemo-nos a investir na escola e na alimentação o que vier ter às nossas mãos.

Boa Quaresma!

Padre Manuel António

Vistas de dentro

A missão dum chefe-maioral

CHEFE é aquele que conduz. É esta a missão de todos os chefes, especialmente nas Casas do Gaiato. Pai Américo, desde o princípio, procurou aproveitar esta missão. O bom andamento das nossas comunidades depende essencialmente do trabalho do chefe-maioral. E todos os anos há eleições, embora, por vezes, fique o mesmo.

Tenho-me deleitado com a vida do chefe-maioral que agora é o desta Casa. Ele atento a toda a vida e à vida de todos. Mal se senta. Sempre atento a tudo. Muito acolhedor a todos, de fora e de dentro. Cara risonha e dialogante. Persuasivo. Vive a sua responsabilidade e usa a sua autoridade. Recentemente, castigou toda a comunidade sem merenda o resto da semana: — *Havia de ir ver as cascas de laranjas e papéis que estão à volta das salas e das camaratas! Não-de habituar-se a ser limpos.*

No sábado as bicicletas não puderam andar: — *Castiguei-os porque alguns foram lá para fora nas bicicletas. As bicicletas são para andar cá dentro.*

Hoje chamou a atenção a alguns estudantes que não estão a aproveitar: — *Se não se portarem bem, sábado de tarde ponho-os de enxada na mão a tratar os jardins ou outros trabalhos.*

Na última reunião de responsáveis da organização e ensaio das Festas já levou uma folha de papel com ideias organizadas. Que bom exemplo!

Agora mesmo veio dizer que apanhou uns, de fora, aos nossos limões e deu-lhes uma corrida. E que ia para o ensaio das Festas e depois para a lição dos crismados e, «*no fim, vou dar outra volta*». Isto já no fim-de-semana.

Fico consolado ao ver as atitudes de responsabilidade deste rapaz. Deus o conserve assim animado. Todos o estimam e lhe obedecem. Manda, mas vai à frente. É chefe.

Que bom seria, para todos, se os chefes tomassem a sério o seu papel!

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (955) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788988 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239